



ARTIGO ORIGINAL

Psicoterapeutas e processos psicoterapêuticos no cinema: diálogos psicanalíticos sobre formação profissional*

Tales Vilela Santeiro^a

Lucas Rossato^b

Gláucia Mitsuko Ataka da Rocha^c

^a Doutorado. Professor adjunto. Jataí, GO, Brasil.

^b Graduação em Psicologia. Professor substituto da Universidade Federal de Goiás, Regional Jataí.

^c Doutorado em Psicologia. Psicóloga clínica e psicoterapeuta da prática privada.

Instituição: Universidade Federal de Goiás, Regional Jataí. Prática privada e Instituto de Psicologia da USP.

Resumo

Produções cinematográficas têm estabelecido aproximações com a prática da psicoterapia, apresentando características mais ou menos verossímeis dessa atividade profissional e do psicoterapeuta. O objetivo deste trabalho consistiu em pesquisar filmes comerciais/ficcionais que retratavam psicoterapeutas e processos de psicoterapia, lançados a partir de 2001, aproximando-os de debates orientados psicanaliticamente. A análise de dados foi quantiqualitativa. Foram encontradas 27 produções, em sua maioria estrangeiras (96%), apresentando psicoterapeutas com diferentes formações profissionais (psicólogos, 19%; psiquiatras, 15%; terapeutas, 22%; entre outros), trabalhando em consultórios privados (59%) e instituições (18%), que preservam fronteiras profissionais. As análises e discussões permitiram observar que, embora existam algumas

* Suporte financeiro: bolsa de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

aproximações significativas, nem sempre as películas representam características apropriadas acerca dos processos psicoterapêuticos. Os resultados encontrados demonstram que produções fílmicas, quando contextualizadas teoricamente, podem ser ferramentas didáticas que contribuem aos processos de formação de novos profissionais, porque favorecem construções e desconstruções de aspectos que constituem o ofício do psicoterapeuta.

Palavras-chave: Psicoterapia; Cinema como assunto; Psicologia clínica.

Abstract

Film productions have established approximations with the practice of psychotherapy, presenting characteristics, which are more or less credible, of this professional activity and the psychotherapist. The objective of this work was to investigate commercial/fictional movies, released from 2001, that portrayed psychotherapists and the psychotherapeutic processes, bringing them close to discussions psychoanalytic oriented. The analysis of data was quantitative and qualitative. 27 productions were found, most of them foreign (96%), presenting psychotherapists with different professional backgrounds (psychologists, 19%; psychiatrists, 15%; therapists, 22%; among others), working in private consulting room (59%) and institutions (18%), who preserve professional boundaries. Both the analysis and discussions enable us to observe that, although there are some meaningful approximations, the movies not always represent the characteristics of the psychotherapeutic processes properly. The outcomes show that film productions, when contextualizes theoretically, can become didactic tools which may contribute to the training of new professionals because they favor constructions and deconstructions of aspects that make up the psychotherapeutic work,

Keywords: Psychotherapy; Motion Pictures as Topic; Psychology, Clinical.

Introdução

O cinematógrafo surgiu como uma máquina que conseguia dar vida e forma ao que antes eram imagens inanimadas. Inicialmente gerou grande espanto nos espectadores, que, ao assistirem ao pequeno filme exposto pelos irmãos Lumière, em um café em Paris, acreditaram que a locomotiva projetada fosse adentrar o estabelecimento e cair sobre eles¹. O que àquela época gerou espanto e foi motivo de incompreensão, nos dias atuais permanece atraindo aglomerados de pessoas às salas de cinema, que procuram interagir com essa forma de linguagem artística, adotando-a não somente como um recurso de lazer, mas também como um meio que propicia reflexões e pode ser convertido em peça didática, em processos de formação de diversos profissionais, inclusive de psicoterapeutas^{2,3}.

No Brasil, a Psicologia Clínica se destaca como sendo uma das grandes áreas de atuação dos psicólogos⁴. No âmbito das atividades clínicas, as práticas psicoterapêuticas são uma das possibilidades desempenhadas

por esses profissionais e talvez seja a mais conhecida delas, ao ponto de, nas experiências profissionais dos autores, ser comum verificar em diálogos com estudantes de Psicologia, a expectativa de um dia serem “clínicos”. Assinala-se que a Psicologia Clínica engloba a psicoterapia como uma das suas áreas mais importantes, porém não se limita a ela, sendo o psicodiagnóstico, as orientações clínicas, o trabalho com grupos, entre outros, formas correlatas de atuação^{5,6}. Também cabe frisar que, no país, atividades de psicoterapia são desenvolvidas por médicos, em especial por psiquiatras.

As psicoterapias têm suas raízes históricas na cura pela fé e nas religiões, na medicina antiga e no hipnotismo, mas começou a ser utilizada para tratamento de doenças nervosas e mentais no final do século XIX, porém limitada ao trabalho de psiquiatras^{7,8,9}. No século XX e nos dias atuais, além dos psicólogos e médicos, enfermeiros e assistentes sociais a têm praticado. Historicamente, o modelo de atuação em psicoterapia caracteriza-se, assim, como multiprofissional¹⁰. No Brasil, na América Latina e em diversos países da Europa há tendências e movimentos em direção à regulação das psicoterapias como um campo que extravasa a Psicologia¹¹.

Do seu surgimento até os dias atuais, a psicoterapia apresentou-se como uma alternativa para prestar cuidados à saúde mental das pessoas. Ela se caracteriza por ser um método de tratamento no qual o profissional psicoterapeuta, utilizando de técnicas específicas, como a comunicação verbal e a relação terapêutica, realiza intervenções a fim de auxiliar o paciente a superar dificuldades de ordem emocional, cognitiva e comportamental⁷.

O surgimento das psicoterapias enquanto prática de atuação profissional consolidada em conhecimentos científicos⁹ despertou o interesse da indústria cinematográfica, logo as aproximações entre estas e o cinema foram inevitáveis. Assim, a imagem dos psicoterapeutas passou a ser retratada em obras fílmicas, bem como leituras dessas produções passaram a integrar debates promovidos por clínicos e profissionais que lidam com cuidados à saúde mental das pessoas, nas mais diversas realidades e orientações teóricas^{12,14,15,16,17,18}. A presença do psicoterapeuta enquanto agente mediador de conflitos passou a desencadear as mais variadas interpretações sobre a prática profissional, o que se alternava conforme o conhecimento que as pessoas e os produtores de filmes tinham e têm sobre ela¹⁹. Assim, a psicoterapia tem sido uma das principais formas de exposição dos profissionais e dos processos de cuidados à saúde mental no cinema^{19,17}.

Os produtores de filmes parecem apostar nesse tipo de obra como forma de alimentar e sanar curiosidades tidas pelo público, estudioso de psicoterapia ou não, sobre questões envolvendo o funcionamento psicológico humano, no que ele tem de saudável e de adoecido, e sobre tratamento e superação de adoecimentos emocionais. Ao fazê-lo, também visam ao maior número de vendas possível, por fatores ligados às questões econômicas envolvidas na produção cinematográfica, que, como ocorre em quaisquer outras áreas da indústria, carece de retorno financeiro. Tendo em consideração esses aspectos, é importante ponderar que, em filmes comerciais/ficcionais, os processos psicoterapêuticos e seus profissionais sofrem maior probabilidade de serem apresentados de forma equivocada pela indústria cinematográfica, de modo que sejam distorcidos e até ridicularizados.

Sendo assim, compreende-se que os meios de comunicação de massa, como é o caso do cinema, sejam considerados e observados como ferramentas de difusão de conteúdos importantes ao processo de ensino e formação de psicoterapeutas. Neste texto, embora seja sabido que a psicoterapia não seja prática profissional exclusiva do psicólogo, o olhar é limitado pela própria formação dos autores. Além disso, como no Brasil as psicoterapias ainda permanecem praticadas e reconhecidas pelo grande público como papel desempenhado por psicólogos, mesmo que em filmes estrangeiros os psicoterapeutas sejam identificados como vinculados a outras profissões (usualmente medicina e assistência social), as discussões pretendidas serão direcionadas especialmente ao público-leitor que segue a orientação psicanalítica em seus estudos e atuação.

Em relação à orientação teórica psicanalítica, os aspectos relativos às fronteiras profissionais existentes no âmbito da atuação do psicoterapeuta são fundamentais de serem considerados no texto. Elas podem apenas ser transpostas (cruzamento), e/ou, ainda, podem ser violadas e essa concepção, por sua vez, alinha-se à compreensão que se tem sobre *setting* psicoterapêutico.

Os cruzamentos e as violações de fronteiras são fenômenos que envolvem as figuras do psicoterapeuta e do paciente, contudo a atenção e o cuidado pertinentes são de responsabilidade do profissional²⁰. Eles podem influenciar de maneira positiva e negativa o processo psicoterapêutico e as relações profissionais entre os envolvidos^{21,22}, sendo que diferenças qualitativas distinguem uma ocorrência da outra, dada a matéria-prima localizar-se em contexto específico e único, o *setting*²³.

Cruzamentos de fronteira referem-se às rupturas benignas ao processo psicoterapêutico, ocorrem de forma isolada e são discutíveis pelo par terapeuta-paciente; pela via do diálogo a ocorrência deles pode levar a compreensões importantes acerca do psicodinamismo da relação psicoterapêutica e de seus atores. Atrasos esporádicos, em referência ao tempo das sessões e aos pagamentos de honorários, autorrevelações esporádicas e contextualizadas por parte do psicoterapeuta, seriam alguns exemplos de cruzamentos de fronteira²⁰.

Em sentido complementar, violações de fronteira envolvem transgressões que são prejudiciais ao processo de psicoterapia e em especial ao paciente, podendo ser sexuais ou não; são repetitivas e o terapeuta costuma desencorajar o diálogo sobre elas. Entre as principais formas de violação de fronteiras encontram-se as violações sexuais, de tempo, de local de realização dos atendimentos, o recebimento de presentes, ou o não recebimento de honorários referentes às sessões oferecidas²⁰.

A neutralidade, a abstinência e o anonimato são tidos como importantes fatores a serem considerados no exercício profissional²³. A neutralidade designa condutas do terapeuta que buscam assegurar um comportamento amistoso, ético, tolerante e benevolente, capaz de suportar frustrações que venham a surgir durante sua atuação profissional, procurando resguardar o ambiente e a figura do terapeuta (*setting*). Esse posicionamento não requer que o profissional seja distante e frio em relação ao que lhe é apresentado pelo paciente, contudo pode ser considerado como um facilitador para que o psicoterapeuta consiga estabelecer certo distanciamento em relação a ações que possam vir a interferir de maneira negativa na sua relação com o paciente (cruzamento e/ou cruzamentos de fronteiras profissionais).

O anonimato, por sua vez, contribui para a manutenção da neutralidade no *setting* terapêutico²³. Embora em experiências cotidianas o terapeuta demonstre muito de seu modo de ser nas roupas que veste, no modo como decora seu ambiente de trabalho, na maneira de falar etc., outros fatores que são possíveis de serem controlados devem ser considerados durante o atendimento ao paciente, como manter sigilo sobre problemas e vida pessoal, responder as curiosidades despertadas pelo paciente, entre outros. Por fim, a abstinência, também se referindo a um aspecto que constitui o *setting*, refere-se à postura do profissional, que implica evitar que o paciente encontre satisfações substitutivas para seus sintomas, porque clínico procura manter-se anônimo e neutro²³.

Desse modo, o objetivo geral deste trabalho foi realizar pesquisa documental em obras cinematográficas, procurando observar as formas de representação de psicoterapeutas e de processos de psicoterapia, considerando, ainda, questões atinentes às fronteiras profissionais.

Método

A seleção de amostra, os critérios de inclusão de filmes e os procedimentos adotados para analisá-los seguiram os seguintes passos:

- Inicialmente realizou-se busca de títulos de filmes em bases de dados *on-line* especializadas, como Adoro Cinema, Cine Pop, Netflix, e através da ferramenta de busca *on-line* Google, cruzando os verbetes *terapeuta*, *psicoterapeuta*, *psicologia*, *psicologia clínica* e *psicoterapia* com *filme* e *cinema*; nesse momento realizou-se a leitura das sinopses disponíveis, procurando evidências de representações de psicoterapeutas e de processos de psicoterapia.
- Alguns critérios foram adotados para inclusão de títulos: películas produzidas e lançadas entre 2001 e 2014, com legendagem em português, que contivessem cenas do profissional psicoterapeuta desempenhando atividades de psicoterapia e/ou do próprio processo psicoterapêutico. Na busca inicial foram encontrados 47 títulos.
- Assistência a títulos encontrados na busca inicial. Dos 47 filmes levantados inicialmente, nove não foram acessíveis, como, por exemplo, *Amor e traição*²⁸, e 11 foram excluídos da amostra por não apresentarem psicoterapeutas ou porque não havia encenação de processos psicoterapêuticos, como é o caso de *O discurso do rei*²⁹. Sendo assim, a amostra final resultou em 27 obras, sendo que esse refinamento foi consensualmente obtido pelos autores, o que não implica dizer que o levantamento de títulos foi exaustivo e que contempla “todos” os filmes que possam ter retratado psicoterapeutas, no período focalizado.
- Após os títulos terem sido buscados conforme os critérios enunciados, estudos-piloto foram realizados. Nesse momento, seis filmes foram selecionados aleatoriamente e assistidos em

pormenores^{31,36,39,41,42,45}, visando explorar suas características gerais e eventuais semelhanças entre eles, para, assim, conceber a ficha de registros de informações, conforme será descrito no próximo item.

- Desenvolvimento de uma ficha para registros das informações observadas, a qual serviria de base para a coleta de dados dos demais títulos. Nela foram registrados os seguintes aspectos: nacionalidade das produções (nacionais ou estrangeiras); encenação do processo terapêutico (se era central ou secundária no argumento fílmico); como o profissional era referido (terapeuta, analista, psicólogo/psiquiatra); o local onde as sessões eram desenvolvidas, o contexto social, econômico e de trabalho (ambientes privados ou institucionais; padrão econômico observado através da estrutura arquitetônica e do mobiliário); condutas profissionais aproximadas, ou não, de práticas clínicas, tal como constante de livros-texto de orientação psicanalítica^{7,20,25,26,27}. Com “condutas profissionais aproximadas de práticas clínicas”, cabe dizer que nos livros-texto citados seus respectivos autores debatem e elencam posturas profissionais que são desejáveis de serem desenvolvidas por profissionais situados em processos de formação psicanaliticamente orientados. Dentre eles pode-se citar a necessidade de o psicoterapeuta ancorar e desenvolver seu processo formativo – de modo continuado – no tripé composto por estudos teóricos, supervisão de casos clínicos e integração do profissional a práticas de psicoterapia/análise pessoal. De modo complementar a esses requisitos formativos, questões éticas e aquelas tocantes à técnica (transferência, contratransferência, *setting*, focalização, estratégias de comunicação e de intervenção verbais e não verbais etc.) também são acentuadas nesse trabalho a ser desenvolvido na relação com pacientes.
- A partir dos procedimentos adotados acima, foram realizados levantamentos de frequências simples (brutas e relativas) acerca das encenações observadas (análise quantitativa). Em seguida, com base nesse registro de base empírica, os pesquisadores realizavam discussões sobre eventuais implicações das representações veiculadas para a formação de psicoterapeutas e para a prática das psicoterapias, relacionando as frequências observadas com a literatura especializada, com ênfase na de orientação analítica (análise qualitativa)^{7,20,25,26,27}.
- Do ponto de vista da análise qualitativa, quando a observação e o registro de dados fílmicos implicaram julgamentos subjetivos, como situações nas quais havia dúvida sobre se o profissional violou fronteiras profissionais²⁰, havia debate entre os autores, até consensos serem obtidos. Quando a observação e o registro de dados necessitavam de julgamento objetivo, como verificar o local onde as sessões de psicoterapia eram desenvolvidas, os dois primeiros autores levantavam as frequências.

Resultados

Em relação às nacionalidades das produções, a maioria era estrangeira (96%). O gênero fílmico foi apresentado como sendo 13 comédias (48%), 9 dramas (33%) e 5 suspenses (19%), o que pode ser exemplificado,

respectivamente, por: *Sexta-feira muito louca*³⁰, *Um método perigoso*³¹ e *Instinto selvagem 2*³². O critério adotado para determinação do gênero fílmico foi a informação contida nas capas das produções e as informações contidas nas bases de dados especializadas em filmes onde os títulos foram acessados (Figura 1).

Figura 1. Características formais dos filmes analisados, organizados cronologicamente (N=27).

Título do Filme	Ano	Nacionalidade	Diretor	Gênero
<i>No limite do silêncio</i>	2001	Canadá e EUA	Tom McLoughlin	Drama
<i>O quarto do filho</i>	2001	Itália e França	Nanni Moretti	Drama
<i>A máfia volta ao divã</i>	2002	Austrália e EUA	Harold Ramis	Comédia
<i>Sexta-feira muito louca</i>	2002	EUA	Mark Waters	Comédia
<i>Totalmente apaixonados</i>	2004	EUA	Bart Freundlich	Comédia Romance
<i>A fantástica fábrica de chocolates</i>	2005	EUA	Tim Burton	Comédia
<i>A passagem</i>	2005	EUA	Marc Forster	Suspense Drama
<i>Caindo fora</i>	2005	EUA	Jeff Hare	Comédia
<i>Terapia do amor</i>	2005	EUA	Ben Younger	Comédia Romance
<i>Correndo com tesouras</i>	2006	EUA	Ryan Murphy	Drama
<i>Divã do amor</i>	2006	EUA	Oren Rudavsky	Suspense
<i>Instinto selvagem 2</i>	2006	Alemanha Espanha, EUA e Reino Unido	Michael Caton-Jones	Suspense
<i>Mais estranho que a ficção</i>	2006	EUA	Marc Forster	Comédia Fantasia Romance
<i>Mentes diabólicas</i>	2006	Austrália e Reino Unido	Gregory J. Read	Drama
<i>Charlie um grande garoto</i>	2007	EUA	Jon Poll	Drama
<i>Reine sobre mim</i>	2007	EUA	Mike Binder	Drama
<i>Sem reservas</i>	2007	EUA	Scott Hicks	Comédia Romance
<i>Passageiros</i>	2008	EUA	Rodrigo Garcia	Suspense
<i>Quase irmãos</i>	2008	EUA	Adam McKay	Comédia
<i>Divã</i>	2009	Brasil	José Alvarenga Jr.	Comédia
<i>Em busca de uma nova chance</i>	2009	EUA	Shana Feste	Drama Romance
<i>O psicólogo</i>	2009	EUA	Jonas Pate	Drama
<i>Labirinto do tempo</i>	2010	Canadá	Carl Bessai	Suspense
<i>Amor, felicidade ou casamento</i>	2011	EUA	Dermot Mulroney	Comédia
<i>Ruby Sparks</i>	2012	EUA	Jonathan Dayton e Valerie Faris	Comédia Romance
<i>Um divã para dois</i>	2012	EUA	David Frankel	Comédia Drama
<i>Um método perigoso</i>	2012	Alemanha, Canadá Reino Unido e Suíça	David Cronenberg	Drama

Em 15 (56%) películas havia demonstrações do processo psicoterapêutico de forma central, enquanto nas 12 (44%) restantes era demonstrado de modo secundário. Considerou-se representação central filmes cujos roteiros giravam em torno do processo de psicoterapia, como encenado em *Divã*³³. Nesse caso, o processo terapêutico analítico foi focado por meio das experiências de sua protagonista, Mercedes. Representação de forma secundária foi categoria atribuída àqueles títulos nos quais, em um roteiro geral, havia a encenação do processo de psicoterapia de modo disperso, como pode ser visualizado por meio de *Labirinto do tempo*³⁴. Nesse filme o protagonista, um dependente químico internado em clínica de reabilitação, integra processo psicoterapêutico como apenas um elemento de sua rotina de tratamento naquele espaço. Em alguns títulos em que o processo era demonstrado de forma secundária, as cenas eram representadas de forma muito breve, como ocorrido em *A fantástica fábrica de chocolates*,³⁵ no qual a retratação de processo terapêutico tem duração de 37 segundos.

Das representações dos psicoterapeutas, em 5 filmes são psicólogos (19%), em 4 são psiquiatras (15%), em 6 são denominados genericamente como “terapeutas” (22%), em 2, psicanalistas (7%), em 8 isso não fica esclarecido (30%) e em outros 2 há encaixe em mais de uma classificação (7%). Por exemplo, *Amor, felicidade ou casamento*³⁶ apresenta uma psicóloga; *Reine sobre mim*³⁷, uma psiquiatra; *Divã do amor*³⁸, um psicanalista. Os seguintes critérios foram utilizados para determinação de cada uma das categorias: a forma como cada profissional era mencionado em diálogos com pacientes, em placas situadas nas portas dos consultórios e nas legendas dos filmes.

Das 27 obras, 17 (63%) apresentavam psicoterapeutas homens (por exemplo, *Um método perigoso*³¹; *Um divã para* 2³⁹ e *O quarto do filho*⁴⁰) e 7 (26%) o faziam como sendo mulheres (por exemplo, *Reine sobre mim*³⁷; *Mentes diabólicas*⁴¹ e *Terapia do amor*⁴²). Três filmes (11%) representavam terapeutas homens e mulheres (*Quase irmãos*⁴³; *Amor, felicidade ou casamento*³⁶ e *Charlie um grande garoto*⁴⁴).

Os contextos onde os processos psicoterapêuticos ocorrem são representados por consultórios privados em 16 películas (59%), como feito em *Sem reservas*⁴⁵; por instituições (delegacias, hospitais etc.) em 5 filmes (18%), como em *Um método perigoso*³¹; mais de um local, em 4 títulos (15%); locais não convencionais, em 1 caso (4%), como em *A fantástica fábrica de chocolates*³⁵, no qual o atendimento é realizado em um longo corredor, e em 1 título não é possível verificar com exatidão se o local é uma instituição ou ambiente privado (4%), *Em busca de uma nova chance*⁴⁶.

Quanto aos consultórios privados (N=16), são apresentados como ambientes luxuosos (estrutura arquitetônica e mobiliário de alto padrão econômico), em 12 casos (75%), com cenários como os apresentados em *Mais estranho que a ficção*⁴⁷; em ambiente convencional, com padrão mais despojado, em 2 casos (12%) (*Terapia do amor*⁴²; *O quarto do filho*⁴⁰); e, em 2 outros (12%), os consultórios aparecem em ambos os padrões (*Totalmente apaixonados*⁴⁸; *Amor, felicidade ou casamento*³⁶). No que confere aos ambientes institucionais (N=5), são apresentados como ambientes luxuosos 2 vezes (40%), como feito em *A passagem*⁴⁹, e, como convencionais, 3 vezes (60%), como em *Labirinto do tempo*³⁴.

Nos filmes em que as encenações acontecem em mais de um ambiente (N=4), 3 delas ocorrem em consultórios e em instituições, e também há 1 título no qual o profissional trabalha desempenhando funções semelhantes à de um acompanhante terapêutico. Nos 3 primeiros casos os locais se apresentam igualmente como ambientes luxuosos e convencionais, como visto na película *A máfia volta ao divã*⁵⁰.

Foram observadas, ainda, as modalidades e o tempo de duração das psicoterapias. Dentre as modalidades, citam-se atendimentos realizados em caráter individual em 24 filmes (89%), como em *Charlie, um grande garoto*⁴⁴; em formato grupal em 2 (7%) casos, como no *Em busca de uma nova chance*⁴⁶; e em 1 eram apresentados nas duas modalidades (4%), caso exemplificado por *Passageiros*⁵¹.

Com relação ao tempo de duração dos processos de psicoterapia, não foi possível verificar quantas sessões ocorrem, nem a duração das mesmas, em nenhum dos casos observados. O que pode ser constatado é que ocorrem de forma rápida, os terapeutas resolvem alguns problemas de forma espetacular, por meio de interpretações “precisas” e/ou “fantasiosas”, que dificilmente teriam correspondência com práticas clínicas cotidianas (não fílmicas).

Nas 27 películas encontradas, 22 encenações podem ser ilustrativas de violações de fronteiras, como ocorrido em *Instinto selvagem 2*³² e *O psicólogo*⁵². Entre essas violações, as mais comumente encontradas foram: (1) violação de sigilo profissional, em 3 filmes, por exemplo, em *Terapia do amor*⁴², no qual a terapeuta utiliza dos conteúdos relatados nas sessões para convencer o filho a não ter um relacionamento com a paciente; (2) estabelecimento de relacionamentos com pacientes, familiares e/ou terceiros, que poderiam ser prejudiciais ao processo, em 6 títulos, como em *Passageiros*⁵¹, no qual a terapeuta se envolve sexualmente com o paciente; e (3) induzir a convicções políticas, morais, ideológicas, religiosas em 4 películas, sendo um exemplo a obra *Correndo com tesouras*⁵³, pois o terapeuta convence seus pacientes a tomar atitudes que lhe beneficiam, entre elas entregar-lhe os filhos sob guarda.

Discussões

Embora as películas enfocadas estabeleçam particularidades que são semelhantes à atuação profissional não fílmica, muitas vezes elas também fazem aproximações com aspectos equivocados do que seria a atuação profissional em psicoterapia, podendo confundir os espectadores no que tange aos diversos fatores envolvidos na dinâmica de um processo psicoterapêutico.

A atuação em psicoterapia é multifacetada, constituída por diferentes métodos, técnicas e orientações teóricas, as quais podem variar de acordo com os países onde os profissionais atuam^{7,25,54}. O olhar empregado nesta pesquisa foi fundamentado na atuação profissional conforme parâmetros alinhados à orientação psicanalítica e, embora as películas sejam estrangeiras, majoritariamente estadunidenses, elas não perdem sua relevância ao considerar-se que o mercado consumidor de filmes no Brasil é influenciado por produções cinematográficas estrangeiras, em especial pelas *hollywoodianas*.

Foi observado durante as análises fílmicas que profissionais de diferentes categorias ocupacionais desempenhavam funções de psicoterapeuta. Pelo fato de a psicoterapia estar relacionada a um campo complexo como o da subjetividade, ela não poderia ser atividade exclusiva dos profissionais da Psicologia, tampouco dos médicos, mas sim um campo multiprofissional que abarca diversidade de teorias, métodos e técnicas, como ocorreu desde seu surgimento^{10,9}. É compreensível, assim, que o cinema utilize da representação de diferentes profissionais e de atuações em sua linguagem, uma vez que esses aspectos são observados na realidade da prática profissional^{7,11}. Nesse sentido, os psicoterapeutas foram apresentados como psicólogos, psicanalistas, psiquiatras, terapeutas e profissionais sobre os quais não ficava evidente a profissão – mas que desenvolviam atendimentos terapêuticos, evidenciando que a psicoterapia classifica-se como um terreno multiprofissional, o que pode ser utilizado como argumento a ser debatido em contextos de formação de psicoterapeutas.

Quanto aos gêneros fílmicos, estes se mostraram diversificados, incluindo comédias, dramas e suspenses. Essas informações podem remeter à noção de que os processos psicoterapêuticos são encenados em diferentes contextos e de distintas formas. Nas películas ora analisadas nem sempre os profissionais são representados de forma cômica em um filme de comédia, da mesma forma que nem sempre são representados de forma dramática em um filme classificado como drama. Outro fator a ser levado em consideração é que nem sempre os roteiros dos filmes giravam em torno do processo psicoterapêutico, de maneira que em algumas ocasiões os profissionais eram apresentados muito brevemente e em outras nem existiam verbalizações por parte deles. Ilustração dessa última característica é vista em *Divã*³³, no qual sequer há a apresentação da voz do terapeuta e as encenações se detêm em demonstrar que ele é uma presença que “provoca” questionamentos na protagonista Mercedes. Esse mesmo filme foi debatido como recurso ilustrativo das fases que usualmente demarcam um processo terapêutico em início, meio e final³.

Ao se analisar a encenação dos processos psicoterapêuticos, pode-se visualizar e discutir como as imagens fílmicas podem influenciar a forma como o espectador compreende e idealiza aspectos da prática profissional. Esta tem demonstrado que os leigos que procuram uma psicoterapia pela primeira vez chegam às instituições e clínicas particulares impregnados dessas concepções propagadas no cinema, contudo também em outras mídias de massa (canais abertos e fechados de TV), pelos filmes.

Com relação aos aspectos estruturais dos processos psicoterapêuticos, pode ser observado que os contextos onde ocorriam as sessões foram ecléticos, favorecendo demonstrações sobre a possibilidade de atuação de psicoterapeutas para além da clínica tradicional e do consultório, como são os casos nos quais eles atendiam em instituições, em domicílio (clínica ampliada), além de casos em que desempenham funções de acompanhante terapêutico. Se por um lado alguns filmes podem contribuir para disseminações estereotipadas do que seria o papel de um terapeuta, esse aspecto pode ampliar o conhecimento que o público possa ter a esse respeito.

Os ambientes onde ocorrem as sessões foram retratados predominantemente como sendo luxuosos, o que pode contribuir para consolidar a visão e a representação dos serviços de psicoterapia como sendo aqueles

que se ocupam de cuidados às classes mais favorecidas do ponto de vista socioeconômico. Em contrapartida, esses cenários tendem a reforçar o ideário de que (1) grande parte da população brasileira não teria condições de custear os serviços prestados por esses profissionais; (2) na ausência de condições econômicas que possibilitem o acesso da população aos serviços de psicoterapia, as pessoas teriam de procurar serviços públicos de atendimento através do Sistema Único de Saúde ou da assistência social; e, questão diretamente focada na realidade universitária de cursos de Psicologia, (3) o estudante busca a profissão de psicólogo acreditando que ela é uma profissão de caráter liberal, na qual desenvolverá unicamente atividades ligadas à psicoterapia e na esfera privada.

As modalidades de atendimento apresentadas demonstraram duas possibilidades de intervenções, atendimentos individuais e grupais. Na maioria das películas atendimentos individuais foram priorizados, indo ao encontro do que mais comumente ocorre quando as pessoas procuram atendimento, que os mesmos sejam realizados em consultório privado e na modalidade individual. Contudo, essa é uma tendência em transformação, pois, como é sabido, nos ambientes públicos e até mesmo nos privados os atendimentos grupais têm sido alternativas apropriadas para dar conta das demandas apresentadas pelas pessoas e pelas instituições às quais esses profissionais estão vinculados^{7,25}.

O tempo de ocorrência dos processos psicoterapêuticos não fica claro durante a exposição da maioria das cenas, contudo parecem ser rápidos e resolvidos por meio de intervenções e acompanhamentos breves. O que se percebe é que em alguns casos a cura se aproxima do que Gabbard expõe¹⁹ quando refere que as produções cinematográficas parecem utilizar da cura catártica como forma de atrair o olhar dos espectadores, sem levar em conta que esse método havia sido abandonado por Freud no século passado. Esse aspecto, entre outros relacionados ao modo de intervenção e ao tempo, pode levar o espectador a acreditar que os processos psicoterapêuticos reais ocorram da maneira como são representados em filmes comerciais, de forma rápida e conseguindo logo de início despertar conteúdos emocionais reprimidos e elaborá-los com “rapidez” semelhante à que foram “despertos”. Esse é um dos aspectos mais delicados percebidos durante a análise das películas, uma vez que pode confundir o espectador tanto no que venha a ser a profissão dos psicoterapeutas quanto em como esta pode auxiliar no problema apresentado e no desenrolar do processo de ajuda.

No já mencionado *A fantástica fábrica de chocolates*³⁵, por exemplo, num ambiente arquitetônico de proporções psicodélicas, o paciente é visto deitado no divã, “associando livremente”, e seu psicoterapeuta (analista), sentado numa poltrona, não verbaliza algo em resposta a ele. O comportamento do profissional resume-se a meneios de cabeça e a realizar anotações num pequeno caderno. Mesmo assim, ao final da cena o paciente chega a alguma conclusão acerca de seu próprio mundo interno, aparentemente genuína (*insight*). Em processos de formação de psicoterapeutas, esse tipo de situação pode ser tido como exemplar de atuação profissional caricatural e até mesmo inadequada, que pouco contribui para compreensões contextualizadas e atuais sobre o exercício profissional almejado em psicoterapia psicanalítica^{19,20,26,27}.

Juntamente com as questões relacionadas ao tempo, as violações de princípios fundamentais apresentam-

se como outro ponto preocupante observado durante a assistência e estudo dos títulos, apesar de isso não ter sido o mais frequente. Nesse sentido, nesse tipo de encenação pode haver comprometimento de concepções sobre o processo terapêutico e sobre a imagem dos profissionais atuantes nessa área, por parte de um espectador desinformado. Nos demais filmes em que violações não estiveram explicitadas, situações de cruzamentos de fronteiras podem ser enfocadas em debates teóricos. Por exemplo, o silêncio exacerbado do analista Lopes, em *Divã*, poderia ser problematizado a um só tempo como caricatural – o que se alinharia ao gênero fílmico em questão, uma comédia –, mas também poderia sinalizar necessidade de diálogo sobre a postura “distanciada” e “pouco dialogada” de sua parte, o que o inseriria numa postura de cruzamento de fronteira²⁰.

Por razões como essas, autores que discutem o uso de filmes em processos de formação psicanalítica insistem que a linguagem dos filmes é um recurso didático profícuo, que, porém, exige, como quaisquer outros, cuidados no seu uso^{2,3}. Por essa via, *Divã*³³, apesar de ser classificado como filme do gênero comédia, pode ser um exemplar no qual o psicoterapeuta (analista) conduz o processo de forma adequada profissionalmente, embora exacerbadamente silencioso (como dito, no filme a opção do diretor é a de não focar verbalizações dele). De modo semelhante, em *Terapia do amor*⁴², a despeito de haver encenação de violação de sigilo profissional e de isso ser contextualizado no âmbito cômico, os impasses vividos pela protagonista, que atende a namorada do próprio filho sem ter esse conhecimento a princípio, podem ser úteis para ilustrações acerca dos limites “humanos” que psicoterapeutas podem experimentar em seus trabalhos.

A neutralidade, a abstinência, o anonimato e as fronteiras profissionais caracterizam-se como aspectos fundamentais de serem atentados para que a psicoterapia sofra as mínimas influências possíveis de fatores que possam vir a prejudicar o bom andamento das atividades terapêuticas e a manutenção do vínculo psicoterapeuta-paciente. Com o objetivo de gerar descontração e otimizar a venda de seus filmes, os criadores das películas parecem vir trilhando um caminho por meio do qual expõem a atividade profissional a situações embaraçosas e conflitantes com a atuação em psicoterapia. Mas, afinal, um filme comercial e ficcional, por mais “realista” que possa ser a sua produção, não visa à mera reprodução da realidade.

Um dado importante observado, embora não constituinte dos objetivos de análise, mas que convém ser mencionado, é que os profissionais do gênero masculino eram encenados como aqueles mais propensos a violar aspectos profissionais, quando comparados às mulheres. Essa peculiaridade demonstra um tópico que pode ser trabalhado em estudos futuros e se contrapõe ao que Gabbard¹⁹ observou em seu estudo.

Considerações finais

Nesta pesquisa procurou-se dialogar a respeito de uma das mais reconhecidas áreas de atuação de psicólogos, que é a psicoterapia, utilizando para tal a representação que o cinema tem feito sobre a figura dos psicoterapeutas e dos processos que eles conduzem. Foi possível perceber que existem aproximações e

distanciamentos nessa representação, tornando-a ora mais, ora menos verossímil. É importante salientar que a atuação filmada, embora tenha algumas aproximações que são importantes de serem consideradas, não se compara ao que acontece na atuação profissional “real”.

Também deve ser considerado que não é objetivo das produções cinematográficas ficcionais/comerciais detalhar “como” se desenvolve e se materializa um processo terapêutico, uma vez que o espectador provavelmente não teria paciência para assistir durante 50 minutos a uma sessão de terapia. Igualmente relevante de ser ponderado é que neste estudo não se buscou exaurir a análise dos filmes acessados, os quais pressupõem leituras polissêmicas, bem como é preciso salientar que se tem consciência de que provavelmente muitos filmes produzidos e que focalizam psicoterapeutas não foram contemplados na amostra, característica que deve ser considerada à luz das limitações metodológicas (cf. período temporal, fontes de buscas de informação e verbetes adotados).

Embora toda pesquisa seja portadora de limitações, e também pesquisas de levantamento documental sistemático, como o ora realizado, convém observar que o período temporal escolhido, que contemplou 14 anos de produções cinematográficas (2001-2014), é tido como abrangente o suficiente para sustentação de um trabalho acadêmico. Além desse argumento, outros dois podem ser objeto de ponderações por parte do leitor: (1) Gabbard¹⁹, embora com objetivos e métodos distintos, relatou estudo focado em obras lançadas em anos anteriores a 2000 e, assim, o atual relato pode ser agregado aos resultados apresentados por ele – desde que se compreenda que neste não se procurou realizar uma réplica daquele; e (2) as fontes de busca de informação fílmica acessadas são especializadas e a própria ferramenta Google é amplamente reconhecida por seu poder de recuperação de informações.

Na medida em que esta pesquisa apresentou obras cinematográficas que expõem a figura dos psicoterapeutas e o modo como exercem seu ofício, após a assistência delas é possível discutir aspectos essenciais para a atuação profissional. Assim, elas podem ser utilizadas como recursos para trabalhar questões que possuem estreitamento com a construção da identidade profissional, bem como características que não devem ser adotadas durante as psicoterapias, pois podem prejudicar tanto o bom funcionamento das intervenções quanto a própria imagem que se tem do profissional.

Acredita-se na pertinência de discutir esses aspectos que vêm sendo assinalados com estudantes que aspiram à psicoterapia como profissão, pois muitas vezes eles chegam à universidade afetados pela representação dos profissionais veiculada nos meios de comunicação de massa e desconhecem o modo como as psicoterapias se apresentam na atuação prática. É comum que dispensem uma visão distorcida da profissão⁸, acreditando que a mesma se restrinja a atendimentos em consultórios privados, conduzidos por profissionais frios, distantes e, no geral, caricaturais²⁶.

Nas obras cinematográficas que compuseram a amostra, a forma como os processos psicoterapêuticos são apresentados mostra-se relevante para a discussão, reflexão e formação de novos psicoterapeutas. Nesse sentido, o que é apresentado por um diretor e sua equipe pode vir a ser tomado como um recorte, mais ou

menos adequado, do que ocorre na prática profissional, demonstrando que as produções cinematográficas podem servir enquanto recurso, porém não como um instrumento capaz de replicar tais práticas. O estudo pode favorecer, também, ao psicoterapeuta em processo de formação, compreensões e aprofundamentos, conhecimentos teóricos e técnicos a respeito das psicoterapias, aspectos históricos e culturais envolvendo as mesmas, observando-a como atividade multidisciplinar na área da saúde mental.

Referências

1. Bernardet JC. O que é cinema. São Paulo: Brasiliense; 2006.
2. Heidemann CVC, Montagner R, Brunstein M, Eizirik CL. O cinema no ensino da psicoterapia psicodinâmica. *Revista Brasileira de Psicoterapia*. 2012;14:76-91.
3. Santeiro TV, Rocha GMA, Barboza LFL. Mercedes no Divã: da comédia ao uso didático na formação de psicoterapeutas. *Revista Brasileira de Psicoterapia*. 2013;15:28-41.
4. Bastos AVB, Gondim SMG, editor. O trabalho do psicólogo no Brasil. Porto Alegre: Bookman; Artmed; 2010.
5. Bock AMB, Furtado O, Teixeira MLT. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. 14ª ed. São Paulo: Saraiva; 2008.
6. Conselho Federal de Psicologia. Atribuições profissionais do psicólogo no Brasil. Brasília: Conselho Federal de Psicologia; 1992.
7. Cordioli AV. As principais psicoterapias: fundamentos teóricos, técnicas, indicações e contra indicação. In: Cordioli AV, editor. *Psicoterapias: abordagens atuais*. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2008. p. 19-41.
8. Simon R. Formação do psicoterapeuta para a realidade brasileira. *Boletim de Psicologia*. 1981;33:67-73.
9. Stone M. História da psicoterapia. In: Eizirik CL, Aguiar RW, Schestatsky SS, editores. *Psicoterapia de orientação analítica: fundamentos teóricos e clínicos*. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2005. p. 23-42.
10. Neubern MS. Quem é o dono da psicoterapia? Reflexões sobre a complexidade, a psicologia e a interdisciplinaridade. In: Conselho Federal de Psicologia. *Ano da psicoterapia: textos geradores*. Brasília: Conselho Federal de Psicologia; 2009. p. 88-100.
11. Rodrigues HJLF. Por uma política de parcerias estratégicas interprofissionais para o campo das psicoterapias no Brasil. In: Conselho Federal de Psicologia. *Ano da psicoterapia: textos geradores*. Brasília: Conselho Federal de Psicologia; 2009. p. 49-54.
12. Ballon B, Leszcz M. Horror films: tales to master terror or shapers of trauma? *American Journal of Psychotherapy*. 2007;61:211-230.
13. Conselho Federal de Psicologia. Atribuições profissionais do psicólogo no Brasil. Brasília: Conselho Federal de Psicologia; 1992.

14. Furst BA. Bowlby goes to the movies: film as a teaching tool for issues of bereavement, mourning, and grief in medical education. *Academic Psychiatry*. 2007;31:407-410.
15. Greenberg HR. A field guide to cinetherapy: on celluloid psychoanalysis and its practitioners. *American Journal of Psychoanalysis*. 2000;60:329-339.
16. Imada TCML. Linguagem cinematográfica no ensino de terapia de família. In: Santeiro TV, Barbosa DR, editores. *A vida não é filme? Reflexões sobre psicologia e cinema*. Uberlândia: EDUFU; 2013. p. 145-176.
17. Orchowski LM, Spickard BA, Mcnamara JR. Cinema and the valuing of psychotherapy: implications for clinical practice. *Professional Psychology: Research and Practice*. 2006;37:506-514.
18. Schulenberg SE. Psychotherapy and movies: on using films in clinical practice. *Journal of Contemporary Psychotherapy*. 2003;33:35-48.
19. Gabbard GO. Psicoterapia e o cinema de Hollywood. *Revista Brasileira de Psicoterapia*. 2000;2:241-251.
20. Gabbard GO. Violações das fronteiras profissionais. In: Ezirik CL, Aguiar RW, Schestatsky SS, editores. *Psicoterapia de orientação analítica: fundamentos teóricos e clínicos*. Porto Alegre: Artmed; 2005. p. 310-321.
21. Dal Zot JS. Contratransferência. In: Peres RS, Varga CSR, editores. *Psicoterapias de orientação psicanalítica: elementos centrais e aplicações diferenciadas*. São Carlos: EdUFSCar; 2013. p. 95-112.
22. Santos MA, Peres RS. Transferência. In: Peres RS, Varga CSR, editores. *Psicoterapias de orientação psicanalítica: elementos centrais e aplicações diferenciadas*. São Carlos: EdUFSCar; 2013. p. 95-112.
23. Pechansky I. Setting psicoterápico: neutralidade, abstinência e anonimato. In: Ezirik CL, Aguiar RW, Schestatsky SS, editores. *Psicoterapia de orientação analítica: fundamentos teóricos e clínicos*. Porto Alegre: Artmed; 2005. p. 235-245.
24. Cordioli AV. *Psicoterapias: abordagens atuais*. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2008.
25. Gabbard GO, Beck JS, Holmes J. *Compêndio de psicoterapia de Oxford*. Porto Alegre: Artmed; 2007.
26. McWilliams N. On teaching psychoanalysis in antianalytic times: a polemic. *The American Journal of Psychoanalysis*. 2000;60:371-390.
27. Peres RS, Varga CSR, editores. *Psicoterapias de orientação psicanalítica: elementos centrais e aplicações diferenciadas*. São Carlos: EdUFSCar; 2013.
28. Jackson D, diretor. *Amor e traição [filme]*. Canadá: Europa Filmes; 2005.
29. Hooper T, diretor. *O discurso do rei [filme]*. Reino Unido: Paris Filmes; 2011.
30. Waters M, diretor. *Sexta-Feira muito louca [filme]*. Estados Unidos: Disney/Buena Vista; 2002.
31. Cronenberg D, diretor. *Um método perigoso [filme]*. Reino Unido, Alemanha, Canadá, Suíça: Imagem Filmes; 2012.

32. Caton-Jones M, diretor. Instinto selvagem 2 [filme]. Alemanha, Reino Unido, Estados Unidos, Espanha: Columbia; 2006.
33. Alvarenga Jr. J, diretor. Divã [filme]. Brasil: Downtown; 2009.
34. Bessai C, diretor. Labirinto do tempo [filme]. Canadá: Flashstar; 2010.
35. Burton T, diretor. A fantástica fábrica de chocolates [filme]. Estados Unidos: Warner Bros; 2005.
36. Mulrone D, diretor. Amor, felicidade ou casamento [filme]. Estados Unidos: Nossa Distribuidora/Winny Filmes; 2011.
37. Binder M, diretor. Reine sobre mim [filme]. Estados Unidos: Sony Pictures; 2007.
38. Rudavsky O, diretor. Divã do amor [filme]. Estados Unidos: Nova Filmes; 2006.
39. Frankel D, diretor. Um divã para 2 [filme]. Estados Unidos: Imagem Filmes; 2012.
40. Moretti N, diretor. O quarto do filho [filme]. Itália, França: Bac Films, Canal+, Rai Cinemafiction, Sacher Film, Telepiù; 2001.
41. Read GJ, diretor. Mentas diabólicas [filme]. Reino Unido, Austrália: Califórnia; 2006.
42. Younger B. Terapia do amor [filme]. Estados Unidos: Europa Filmes; 2006.
43. Mckay A. Quase irmãos [filme]. Estados Unidos: Columbia Pictures; 2008.
44. Poll J, diretor. Charlie, um grande garoto [filme]. Estados Unidos: MGM; 2007.
45. Hicks S, diretor. Sem reservas [filme]. Estados Unidos: Warner Bros; 2007.
46. Feste S, diretor. Em busca de uma nova chance [filme]. Estados Unidos: PlayArt; 2009.
47. Forster M, diretor. Mais estranho que a ficção [filme]. Estados Unidos: Columbia; 2006.
48. Freundlich B, diretor. Totalmente apaixonados [filme]. Estados Unidos: Fox Searchlight; 2004.
49. Forster M, diretor. A passagem [filme]. Estados Unidos: Fox; 2005.
50. Ramis H, diretor. A máfia volta ao divã [filme]. Austrália/Estados Unidos: Warner Home Vídeo; 2002.
51. Garcia R, diretor. Passageiros [filme]. Estados Unidos: Imagem Filmes; 2008.
52. Pate J, diretor. O psicólogo [filme]. Estados Unidos: Flashstar; 2009.
53. Murphy R, diretor. Correndo com tesouras [filme]. Estados Unidos: Sony Pictures; 2006.
54. Lima M, Viana E. Formação em psicologia e psicoterapias: algumas considerações para o debate. In: Conselho Federal de Psicologia. Ano da psicoterapia: textos geradores. Brasília: Conselho Federal de Psicologia; 2009.

Correspondência

Tales Vilela Santeiro

Rua Barão da Ponte Alta, n. 294, apto. 101. Bairro Nossa Senhora da Abadia.

38025-250 Uberaba, MG, Brasil

talesanteiro@hotmail.com

Submetido em: 23/03/2015

Aceito em: 15/04/2015